

“O Banco Central está correto”

O economista Claudio Haddad, presidente do Ibme, diz que a política do Banco Central tem sido um grande sucesso.

– O Banco Central está correto, a política macro está consistente. O que falta, a meu ver, é enfocar com muito mais rigor uma agenda micro que, apesar de complexa, é essencial e deve ser buscada com vontade.

Tal agenda passa por vários outros problemas, entre os quais o licenciamento ambiental de obras. Para ele, não há investimento adequado em infra-estrutura também porque hoje não existe uma regra de meio ambiente no Brasil.

Para o economista, não faz sentido ficar discutindo o que teria ocorrido se o país tivesse atingido pontos percentuais acima ou baixo do risco Brasil. Ele concorda, porém, com a preocupação da equipe econômica em relação à inflação e com a atitude conservadora do Comitê de Política Monetária na condução dos juros.

– Os modelos são todos muito precisos e a política monetária tem um pouco de arte também. O governo baixou a inflação de 18%, há um ano e pouco, para em torno de 6% e pouco. Agora, a inflação começou a subir de novo, e o Banco Central, prudentemente, está mantendo os juros no mesmo nível.

Ele não discorda de que os juros no país estão altos, mas acredita que a manutenção dessas taxas é necessária.

– Dizer que juros reais a 9% são baixos seria uma fantasia. Mas daria para termos juros mais baixos e ao mesmo tempo termos mantido a inflação sob controle? A inflação continua aí. A reserva inflacionária continua! O grande problema do Brasil, a vergonha nacional que tivemos durante décadas, foi as pessoas terem tentado tapar o sol com a pe-

neira, usando a tal da correção monetária. Não podemos deixar que a inflação volte – diz.

Haddad discordou quando Luís Paulo Rosenberg elegeu a vulnerabilidade externa como maior problema do país.

– Não é, nunca foi. Principalmente agora está longe de ser um problema – frisa.

Ele argumenta que a dívida externa hoje está em US\$ 240 bilhões e precisa continuar sendo reduzida. E é

totalmente contrário a qualquer endividamento público em dólar, exceto em empréstimos tomados do BID, Bird e outros órgãos oficiais. O economista elogia o fato de o governo ter reduzido o peso da dívida interna dolarizada, mas acha que o ideal seria que ela fosse totalmente eliminada.

– Quando olhamos o problema externo do país estamos falando também de uma dívida privada. O que o governo tem a ver com dívida privada? O Brasil é um dos poucos países do mundo em que se junta as duas dívidas e calcula o endividamento externo como se fosse tudo igual. Então, não se pode dizer que esse seja o maior problema do país.

O presidente do Ibme também destaca como positiva a capacidade que o país demonstrou de gerar superávits comerciais (diferença entre exportações e importações) e não vê nenhum problema no fato de 70% das vendas externas brasileiras serem de produtos agrícolas e minérios, porque essa é uma característica do país.

– Não acho isso ruim! Ainda bem que o Brasil tem essa vantagem comparativa, temos mais é que aproveitar e não ficar com vergonha delas. Ou querer fazer coisas para as quais não temos nenhuma vantagem.



“O que falta, a meu ver, é enfocar com muito mais rigor uma agenda microeconômica, que é difícil, mas essencial”